

1.

A mulher caminha pelas urzes, no auge  
do vento, já depois da morte, enovelada  
pelos ramos que cortam a paisagem.  
O homem está parado como uma ave  
de pedra, batida pelo fumo. Depois, é o  
corpo dela desfeito sobre os rochedos,  
uma faísca que incendeia um pedaço  
de madeira. O homem, amarrado a uma  
mancha de ferro, contempla o corpo vazio.  
Um pássaro cego cai em cima de um espelho.  
É o rosto dele despedaçado, a dor.  
Tudo é medonho à sua volta, a parte  
de trás da luz, a humidade, a respiração  
das plantas.

2.

Rodeado de vespas, sozinho como um comboio que passa entre as árvores. Enquanto os bichos lhe percorrem as pernas, descobrindo todas as feridas e as imprecisões delineadas pelos músculos. Quando eles se atiram aos pedaços de sangue encontram a mesma frescura que sentem ao poisar nos olhos dos cavalos. É nesse momento que vêem a imagem dela exposta naquele olhar adocicado, quase a rebentar. Nesse exacto momento. Então, o que resta do corpo deforma-se no encontro dos insectos, no modo como sugam a água dos machos.

3.

A noite abate-se depois como uma prancha sobre a pele que nasce desse movimento. A mulher solta-se das argolas que a prendem ao chão enquanto um besouro rasga o ar que ele próprio respira, rodopiando pelas fendas dos muros. O que ali existe é apenas a sua sombra, um lugar de choro, uma seta encaminhando o homem para um degredo. A sombra passa por ele como uma nuvem azeda. Quebra-lhe os lábios, aperta-lhe a boca até os dentes caírem dentro de um balde que ela usou, em tempos, para cuidar das flores e da resina.

4.

A mulher suspende os gestos à procura de um ângulo no corredor, um sítio de pregos. O seu vestido está rasgado pelo tempo. Os dedos anunciam uma zona fértil, com musgo e alguns destroços. Parece que tudo se passa num barco apodrecido pelo lodo. Os peixes entram pelas escotilhas, as algas penduram-se nos mastros e a madeira consolida uma escadaria perfeita onde ela se deleita ensombrando tudo à sua volta, as rochas, as conchas, os restos de crustáceos.

## 5.

E ela rasteja por um rio tentando sobreviver ao último anúncio da morte, à sua presença devoradora, enquanto olha para uma mesa onde estão pousados pequenos frascos de álcool e outros venenos que fazem parte dos seus dias. A maré vazou deixando a descoberto uma ameaça de lixo, algumas roupas e traços de antigas barcaças. O nevoeiro cobre os bancos e os alumínio estendidos num pátio de areia. Os pavões gritam desordenadamente, uma raposa persegue dois esquilos e todas as outras aves se refugiam numa caverna onde os morcegos ainda repousam.